

## **A história do município de Chapecó**

Até fins do século XVII, o oeste catarinense e o sudoeste do Paraná eram povoados por índios Guaranis. Nessas áreas, estavam as célebres Reduções Jesuíticas de Guaíra. Destruídas as Reduções Jesuíticas pelos Bandeirantes Paulistas, fixaram-se os índios Kaigangs.

Na primeira metade do século XVIII começaram a se concentrar os primeiros grupos de pessoas na região do oeste catarinense, onde se situa o atual município de Chapecó. A região atual do oeste de Santa Catarina foi ocupada por fazendeiros, que vinham de Guarapuava e Palmeiras, pertencentes aos estados do Paraná e São Paulo. Com a ocupação dos Campos de Palmas, abriu-se um caminho de tropas que ligava ao Rio Grande do Sul, permitindo o povoamento do município de Chapecó, antigo Passo dos Índios. Outras regiões foram sendo ocupadas, como Campo Erê, Xanxerê, Passo do Carneiro e, mais tarde, Passo Bormann.

A região oeste era caracterizada basicamente por matas de araucária e habitada praticamente por índios Kaingangs, esporadicamente por índios Guaranis, além de caboclos – luso-brasileiros descendentes de origem europeia. Os luso-brasileiros denominavam-se de brasileiros e praticavam a cultura de subsistência. A infraestrutura era inexistente. Não havia demarcação das terras em forma de lotes, muito menos a presença de estradas ou de equipamentos, como comércio, órgãos públicos ou privados.

De acordo com Bellani (1996, p. 33), a criação e a instalação da Colônia Militar de Xanxerê, em 1882, proporcionaram condições para as primeiras ocupações no “Velho Município de Chapecó”. Segundo Bellani (1996, p.15), essa expressão é muito utilizada pelos antigos moradores e descendentes dos colonizadores, quando se referem à extensão territorial que possuía o município de Chapecó, desde a sua criação, em 1917, até o primeiro desmembramento, ocorrido na década de 50.

Outro fator que possibilitou a exploração efetiva da atual região oeste catarinense foi a delimitação final da fronteira entre Brasil e Argentina, em 1895. Houve uma disputa entre os dois países pela posse do que hoje chamamos de região oeste. Resolvida a situação entre os dois países, a região

continuou contestada num conflito entre os estados do Paraná e Santa Catarina, conhecido como a Guerra do Contestado.

Santa Catarina teve incorporadas diversas localidades e vilas, muitas delas eram sedes distritais da organização administrativa paranaense. “Na jurisdição que formou o município de Chapecó, temos: a antiga Colônia Militar de Xanxerê, Passo Bormann, Passo dos Índios (cidade de Chapecó), Campo Erê, Serrinha, Antas (São Domingos), Barracão (Dionísio Cerqueira)” (Bellani, 1996, p. 23).

A guerra do Contestado aconteceu entre o período de 1912 a 1916 e só terminou em 1916. Ela consistiu na luta pela posse de terras, envolvendo índios, caboclos, fazendeiros e empresas colonizadoras. Segundo Alba (2002, p.17), em seis de março de 1917, através da Lei n.º 1.146, encerram-se todos os trâmites legais que puseram fim as disputas entre Paraná e Santa Catarina. Através da Lei n.º 1.147, de 25 de agosto de 1917, Santa Catarina incorporou um território de 28.000 km<sup>2</sup> e dividiu a área em quatro municípios: Mafra, Porto União (atual Joaçaba) e Passo dos Índios (atual Chapecó).

Em 1939 o nome Chapecó é empregado para designar a Vila Passos dos Índios que abrigava a sede municipal. “O território de Chapecó ficou, então, com uma área de aproximadamente 14.000 Km<sup>2</sup>, sendo hoje maior parte pertencentes ao atual oeste de Santa Catarina.” (Alba, 2002, p. 18). **A palavra Chapecó tem origem Kaingang com várias interpretações: “chapadão alto”, “chapéu feito de cipó” e “põe no chapéu” para nativos da língua. Segundo pesquisas feitas pelo Dr. Selistre de Campos, a palavra origina-se dos termos “echa” + “apê” + “go”, que na língua dos nativos significa “donde se avista o caminho da roça”.**

O fim da guerra do Contestado possibilitou maior resistência por parte das empresas colonizadoras e avanço no ritmo da colonização nos estados da região sul. No ano de 1920, o governo catarinense sente necessidade de investimentos na região e concede concessões de terras às empresas colonizadoras. Desse modo, iniciou-se um processo de colonização no oeste catarinense, que se dá, principalmente, através de ações e empreendimentos de Companhias Colonizadoras, que se instalam na região, em sua maioria, com capital próprio.

Nesta época, Chapecó possuía uma imensa floresta e ricas terras, além de outros recursos naturais pouco explorados até o fim do século XIX. Essas características possibilitaram o desenvolvimento e a intensificação de diversos ramos da atividade econômica. Além disso, serviram como estratégia para que as Companhias Colonizadoras atraíssem fluxos migratórios de agricultores provenientes do Rio Grande do Sul para comprar lotes de terras e desfrutar dos recursos nela existentes. Ao chegarem à região, se confrontaram com vários problemas de infraestrutura, estradas precárias e falta de estabelecimentos comerciais.

A extração de madeira foi uma das atividades que se destacou e se firmou por volta de 1920, “em decorrência da chegada dos contingentes populacionais e colonizadores, caracterizando um pioneirismo desbravador” (Bellani, 1996, p. 62).

As diversas Companhias de Colonização que chegaram para dar novo impulso na região e que receberam por parte do Governo Catarinense, apoio e incentivo, passaram a atuar na mesma. Elas foram as grandes responsáveis pelo desencadear efetivo do processo de colonização, aliado à produção e à comercialização da madeira. (Bellani, 1996, p. 62).

Para Alba (2002), a colonização estruturou-se principalmente por interesse das Companhias Colonizadoras, que queriam vender as suas terras; do estado, pela necessidade de ocupação do espaço territorial visto como vazio demográfico; e dos colonos, que queriam ter acesso à terra. Muitos indígenas e luso-brasileiros, antigos moradores que residiam na região, foram sendo expulsos da região, pela empresa responsável pela colonização, por não possuírem título de propriedade e pelo modo de produção primitivo que possuíam. Ou ainda, foram sendo diluídos por causa da vinda de imigrantes gaúchos (principalmente italianos e alemães), que provocou a mistura de raças.

Próximo ao Rio Uruguai, várias famílias (muitos luso-brasileiros, os denominados caboclos) se dedicavam à extração de madeira, à demarcação de lotes, construção de estradas e na amarração e condução de balsas no Rio Uruguai. Os caboclos não tinham as suas terras legalizadas, e os que tinham poder aquisitivo para regularizar tiveram seus pedidos negados pelo Governo

do Estado sob a alegação de que as terras não eram devolutas. Desse modo, as terras acabaram sendo tituladas às empresas colonizadoras.

Com isso, geralmente o caboclo vendia o seu lote a um colono gaúcho, que comprava terra da companhia colonizadora. Praticamente todos os posseiros, assim denominados pelas companhias colonizadoras aos caboclos que viviam aqui, foram expulsos; uma minoria ficou com terra escriturada; os demais continuam servindo de mão-de-obra para os ítalo-brasileiros.

Diversos indígenas aos poucos foram sendo transferidos à força e confinados em reservas indígenas existentes no estado (a reserva Xaçupé, criada em 1902) pelo Governo do Paraná no oeste do estado, para atender ao povo Kaingang, e a Reserva Ibirama, criada em 1914, no Alto Vale do Itajaí para o povo Xoblong. As duas reservas foram sendo reduzidas ao longo dos anos.

De acordo com Jaci Poli, citado por Werlang (2002, p. 58),

No povoamento do oeste catarinense podem ser visualizadas três fases de ocupação, cada uma com atividades econômicas distintas: a fase indígena, que se deu até meados do século XIX; a fase cabocla, que a sucedeu e miscigenou-se; e a fase da colonização, caracterizada pela vinda de pessoas de origem alemã, italiana e polonesa, basicamente do Rio Grande do Sul.

Segundo Bellani, mais de uma dezena de Companhias Colonizadoras se instalaram na região, entre elas: Luce Rosa e Cia, Colonizadora Capelli, Territorial Mosele, Eberle, Anrons e Cia., Colonizadora Brum, Ernesto Bertaso e Cia., Companhia Territorial Sul Brasil, Barth Benetti, Irmãos Lunardi, entre outras. No distrito de Chapecó, destacou-se a atuação da Companhia Colonizadora Bertaso, Maia e Cia, que se instalou na localidade de Passos dos Índios (atual Chapecó), a partir de 1920.

A partir de 1923, a companhia passou a pertencer somente aos Bertaso, denominando-se Empresa Colonizadora Ernesto Francisco Bertaso. Em 1948 seu nome foi alterado para Empresa Colonizadora e Industrial Ernesto Francisco Bertaso S.A. Os Bertaso trouxeram mais de oito mil famílias do Rio Grande do Sul para o estado, na sua maioria compostas de ítalo-brasileiros, que buscavam terras para sobrevivência da família e vida melhor. A maioria

das famílias que vinham do Rio Grande do Sul atravessava o Rio Uruguai por meio de balsas feitas de madeiras.

A empresa Coronel Bertaso construiu estradas e vendeu milhares de propriedades aos migrantes do Rio Grande do Sul. Muitos terrenos de estabelecimentos públicos, religiosos e de entidades com fins lucrativos e esportivos foram doados pela Colonizadora Bertaso. Hass destaca que a colonizadora Bertaso contribuiu para o crescimento da região através da povoação e de subsídios aos colonos (como bens e serviços), bem como da estrada para transportar a produção, que era destinada ao mercado gaúcho. Além do comércio, a empresa dedicava-se à exploração de madeira e industrialização em geral.

A pesquisadora Rosa Alba (2002) esclarece que até os finais dos anos 40, os donos das empresas colonizadoras dominaram a economia e a política no município de Chapecó, principalmente a família Bertaso. A ligação entre o Governo do Estado favoreceu um forte mandonismo local. “A estrutura de dominação e as formas de controle social faziam parte de toda uma cultura social e política resultante das relações de poder da época, em que o público e o privado tornam-se complementares” (Hass, 1999, p. 25).

Nessa época, as condições econômicas, sociais e de infraestrutura ainda eram insuficientes. “Os meios de transporte eram muito lentos e as estradas eram precárias, o comércio e o acesso aos hospitais eram igualmente precários” (Alba, 2002, p. 18).

A exploração de recursos naturais foi a principal atividade econômica até a década de 40, principalmente da erva-mate e da madeira. A estrada de ferro possibilitou a comercialização de grande parte da produção. A produção de origem animal também teve destaque nessa década com a produção de banha suína. O município produzia ainda alimentos agrícolas e produtos pecuários, caracterizando-se como uma região agropecuária.

No decorrer dessas décadas, o comércio se expandiu e quase quadruplicou. Não só o comércio como o número de estabelecimentos agropecuários. A agricultura foi a modalidade de exploração que apresentou o maior desenvolvimento, com ênfase para a produção de trigo e feijão. No transcorrer da década de 40, a suinocultura passou a ser a principal atividade econômica para os pequenos produtores.

Hass afirma em sua obra “O Linchamento que muitos querem esquecer” que as décadas de 40 e 50 foram favoráveis ao crescimento de Chapecó. O aumento demográfico e a acumulação de capital proporcionada pelo extrativismo vegetal propiciaram a expansão econômica da região. A chegada de novos profissionais proporcionou o desenvolvimento do comércio e da indústria.

De acordo com Hass (2007), também se percebia o progresso na urbanização da cidade, como a abertura de ruas, o alargamento e calçamento das antigas e a remodelação da praça. Durante a colonização, o Coronel Bertaso se preocupou com o planejamento e a ocupação do espaço urbano.

Em 1931, ano em que a vila Passo dos Índios (Chapecó) foi transformada em sede do município, foi implantado o Plano Diretor produzido pela empresa Colonizadora Bertaso, com uma ordenação cartesiana, que possui um traçado urbano ziguezague, com avenidas largas, quadras bem definidas, passando para o migrante visitante a visão de uma cidade planejada, organizada, que caminha para o desenvolvimento. (Hass, 2006)

Quanto à educação, a região era carente, oferecendo apenas o ensino primário. Em Chapecó havia apenas o Colégio Bom Pastor, frequentados por alunos de toda a região. A atividade cultural resumia-se em ir ao cinema. Havia também o Clube Recreativo Chapecoense, fundado em 1938, onde eram realizados bailes, carnavais. Na comunicação, foi fundado o primeiro jornal “A Voz de Chapecó” em 1939. Na década de 40 teve início a construção da primeira usina elétrica no município. O terreno foi doado pela Colonizadora Ernesto Bertaso. Os trabalhos foram dirigidos pelo engenheiro civil Serafim E. Bertaso e pelo industrialista-madeireiro Achiles Tomazelli.

Em relação à política, o Partido Social Democrático (PSD), representado principalmente por colonizadores e industriais madeireiros, dominou a política regional até o final dos anos 40. Até 1950 a disputa pelo poder local foi marcada por conflitos e perseguições a adversários. O PSD tinha como líder político o Serafim Enoss Bertaso, filho do Coronel Ernesto Bertaso.

Só nas eleições de 1950, “período marcado por transformações sócio-econômicas, que novos personagens começaram a se sobrepor e conquistar espaço na vida política da região. Os estratos médios de caráter

urbano/liberal/burocrático – representados pela UDN e o PTB –, começaram a ocupar esses espaços”. (Alba, 2002, p. 21). Essa transição político partidária resultou em muita violência e perseguição política dos adversários, corrupção, desmandos administrativos e a aprovação de leis que beneficiava o interesse de determinados grupos.

A família Bertaso só administrou a política chapecoense em 1944, quando Serafim Bertaso foi eleito prefeito de Chapecó, firmando-se como uma liderança política da região. Mas a autora Alba comenta que na década de 1950 houve disputas do poder político entre diferentes grupos econômicos que foram chegando à região. É o caso de Atílio Fontana, de Concórdia; Saul Brandalise, de Videira; e Plínio Arlindo de Nês, de Chapecó, que assumiram cargos nos municípios e também na esfera estadual e federal, que diretamente beneficiaram os negócios.

A partir da década de 50, a economia da cidade se intensifica com o surgimento das primeiras agroindústrias, entre elas a Indústria e Comércio Chapecó (Saic), que industrializava produtos derivados de suínos. Isso provocou um grande crescimento populacional, pois as indústrias atraíram muitos imigrantes que vieram para o município à procura de emprego. Segundo Alba, “população que era de 44.237 habitantes, em 1950 passou para 96.624 habitantes” (2002, p. 25).

Além da Saic, foi criado em 1956 o frigorífico Indústria Comércio e Marafon Ltda., atual Cooperativa Central Oeste Catarinense (Aurora), com o objetivo da industrialização e comercialização da produção de suínos. Observa-se, desse modo, a expressiva expansão capitalista da região até a década de 60. Todo esse crescimento fez com que o município se firmasse como pólo regional de desenvolvimento.

Nesse período, destacam-se ainda a criação do jornal O Imperial, o Jornal do Povo em 1951. No ano seguinte, foi fundado a Fundação da Associação dos Balseiros do Rio Grande do Rio Uruguai e a inauguração de uma filial do Banco do Brasil. Houve ainda a inauguração do Quartel da Polícia Militar (1953) e a criação da Diocese de Chapecó em 1958, com instalação em 1959.

Nos anos 60, o município apresentava grande importância comercial para o estado e região do Extremo-Oeste. O município também tinha

participação comercial em várias capitais e no exterior. Além do crescimento industrial e comercial, houve um melhoramento nas estradas de rodagem.

Em 1963, foi criada pelo Governo Estadual a Secretaria de Estado dos Negócios do Oeste, com o propósito de promover o crescimento no município, permitindo grandes investimentos na região, como na infraestrutura, construção de estradas, pontes, instalação de energia. Tinha objetivo também de facilitar a integração de Chapecó e região a outras regiões do estado e do país.

Desse modo, o município investiu na implementação de rodovias de acesso a Chapecó (BR SC 282), que facilitam a comunicação, o intercâmbio e o escoamento regional. Tais investimentos abriram caminhos para o desenvolvimento da cidade e a prosperidade econômica.

Em 1967, é realizada a primeira Exposição Feira Agropecuária, Industrial e Comercial de Chapecó (Efapi), no Parque de Exposições Tancredo Neves. Um evento que possibilita a realização de negócios e difusão de tecnologias, conhecimentos e produtos. Tem periodicidade bienal e abrange os setores primário, secundário e terciário. Hoje a Efapi é um dos principais eventos do município e é considerada uma das maiores feiras multissetoriais do Brasil, com abrangência internacional. No início, o foco estava centrado na agropecuária, que passou para um caráter multissetorial nas últimas edições.

A década de 70 é marcada por grandes modificações na base socioeconômica. Novas atividades surgem para consolidar e enriquecer o mercado, como é o caso da implantação do Ensino Superior com a Fundação do Desenvolvimento do Oeste (Fundeste), atual Unochapecó.

Nesse período, o setor agroindustrial se fortalece com a implantação de empresas como a Cooperalfa, que atua no ramo de beneficiamento, processamento e industrialização de cereais, entre outras atividades, a instalação da Sadia Avícola S.A., que produz e industrializa perus; e a Ceval Alimentos, que atua na extração e refinamento de óleos.

Ainda no ano de 1970, é instalada no município a Telesc. Em 1973 estabelece-se a Casan, e um ano depois, 1974, a Celesc. A construção civil é outro ramo que se destacou nesse período.

Houve também a implantação de empresas de transportes de mercadorias, metal mecânico, plástico, ou seja, empresas com atividades voltadas para suprir a demanda dos frigoríficos. A industrialização propiciou o

crescimento populacional e mais emprego para os cidadãos. Todavia, a expansão de indústrias ocasionou a contaminação de mananciais e poluição atmosférica, mas que com o tempo foram amenizados com a criação do saneamento básico e programas de responsabilidade social.

Na década 80, a região desperta para o potencial de uma nova atividade: a hidrelétrica. Desse modo, a região desenvolve o seu grande potencial hídrico e dá início ao Ciclo das Hidrelétricas, aproveitando a escassez de energia, ligada ao seu alto consumo, e a necessidade de financiamento para o setor. O oeste catarinense participou dos investimentos relacionados à construção de usinas. Com isso, surgiram as instalações de Itá, Quebra-queixo e Foz do Rio Chapecó, direta ou indiretamente ligadas ao território de Chapecó.

Ainda na década de 80, houve a construção do Hospital Regional do Oeste (HRO), inaugurado em outubro de 1986, com o funcionamento inicial de 60 leitos. Atualmente, o HRO atende 92 municípios da região oeste, 26 municípios do Paraná e Rio Grande do Sul, totalizando aproximadamente um milhão de habitantes.

As décadas de 60, 70 e 80 também foram marcadas pelas grandes migrações de trabalhadores rurais atraídos pela indústria. Na década de 60, a população urbana representava 32% da população total, na década de 70 passou para 40, 7%. Em 1940 a população era de 800 habitantes, passando para 72.232 habitantes em 1979.

Todo esse impulso desenvolvimentista fez com que Chapecó se tornasse pólo de uma região com altas potencialidades e investimentos diversos. A implantação de diferentes indústrias em variados ramos (metal mecânico, plásticos, construção civil, seguros, manutenção, entre outros serviços), atividades na área administrativa, social, educativa e cultural promoveu um crescimento elevado da população, bem como da economia do município.

## **Referências**

ALBA, Rosa Salete. **Espaço urbano**: os agentes da produção em Chapecó. Chapecó: Argos, 2002.

ALCEU, Werlang. **A colonização do oeste catarinense**. Chapecó: Argos, 2002, 86 p.

BELLANI, Eli Maria. **Balsas e balseiros no Rio Uruguai (1930-1950)**. Cadernos do Ceom, Chapecó, v. 3, n. 4, mai. 1988, p. 7-27.

\_\_\_\_\_. **Santos Marinho e Passos Maia: a política do velho Chapecó – 1917-1931**). Chapecó: Autor, 1990.

CADERNOS CEOM. **Lutas pela terra**. Chapecó, Argos, n. 27, 2007, 288 p.

HASS, Monica. **O linchamento que muitos querem esquecer: Chapecó, 1950-1956**. Chapecó: Grifos, 1999.

\_\_\_\_\_. **Os partidos políticos e a elite chapecoense: um estudo de poder local – 1945-1965**. Chapecó: Argos, 2000, 339 p.

OLIVEIRA, Nilcéia. **Mulher Agricultora, mão-de-obra na agroindústria de Chapecó – 70 e 80**. Monografia (Conclusão do curso de História), Unochapecó, 2000.

PEREIRA, Torres. **Chapecó vista por um forasteiro**. 3. ed. Chapecó: Cometa, 1999, 106 p.

STANGA, Cibele. **Empresa Bertaso: fomentar o desenvolvimento em Chapecó**. Monografia (Conclusão do Curso de História), Unochapecó, 2004.

WERLANG, Alceu Antonio. **A colonização do oeste Catarinense**. Chapecó: Argos, 2002, 86 p.